

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A VIA

INSTITUTO A VIA

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA

JADER RODRIGUES

**O MAL-ESTAR NA ADOLESCÊNCIA E O RETORNO AO COMPLEXO DE
ÉDIPO.**

Artigo apresentado ao Curso de Psicanálise Clínica, do Instituto de Psicanálise AVIA Minas Gerais, em conclusão da formação teórica.

BELO HORIZONTE

2023

(jadercci@gmail.com)

O MAL-ESTAR NA ADOLESCÊNCIA E O RETORNO AO COMPLEXO DE ÉDIPO

Jader Rodrigues

RESUMO - Tendo como referencial teórico a psicanálise, a intenção investigativa deste artigo é discutir sobre o período da adolescência e o mal-estar provocado por uma nova operação psíquica em que o adolescente se depara com a passagem desse mal-estar atormentado, mas igualmente criativo de revivência do Édipo. Entendemos essa nova etapa como retomada, pois o Complexo de Édipo já foi vivenciado anteriormente durante a infância, sendo assim um retorno ao passado, mas que, simultaneamente, carrega em si algo a ser inaugurado por um novo mal-estar e adaptação psíquica, sendo único a cada adolescente. As transformações do corpo que marcam a puberdade junto com as alterações hormonais impactam diretamente a visão de mundo adolescente, transformando o objeto de desejo que tomará um novo percurso, além do seio familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, adolescência, mal-estar, complexo de Édipo.

ABSTRACT - Drawing on psychoanalysis as the theoretical framework, the investigative intention of this article is to discuss the period of adolescence and the discomfort provoked by a new psychic operation in which the adolescent grapples with the transition from this tormented yet equally creative discontent of the Oedipus revival. We understand this new stage as a recapitulation since the Oedipus complex has already been experienced earlier during childhood, thus being a return to the past. However, this return simultaneously carries within it something to be inaugurated by a new discontent and psychic adaptation, unique to each adolescent. The body's transformations that mark puberty coupled with hormonal changes, directly impact the adolescent's worldview, transforming the object of desire that will take a new course, beyond the familial context.

KEYWORDS: Psychoanalysis, adolescence, discomfort, Oedipus complex.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo partimos da ideia de mal-estar conceito clássico da teoria freudiana retirada do livro "O Mal-estar na Civilização" (1929). Nesta obra, Freud explora as origens do conflito entre as pulsões individuais do ser humano e as demandas da civilização. Ele argumenta que a cultura, ao tentar regulamentar as pulsões instintivas, impõe restrições ao indivíduo, levando a um estado de desconforto e insatisfação.

“Grande parte das lutas da humanidade centralizam-se em torno da tarefa única de encontrar uma acomodação conveniente - isto é, uma acomodação que traga felicidade - entre essa reivindicação do indivíduo e as reivindicações culturais do grupo, e um dos problemas que incide sobre o destino da humanidade é o de saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização ou se esse conflito é irreconciliável”.
(FREUD, 1931, p.64).

Estreitamos no nosso recorte ao mal-estar em uma das importantes etapas do desenvolvimento humano: a adolescência. Pretendemos falar sobre os conflitos que marcam esse momento da vida do jovem. Esse mal-estar provocado por uma nova operação psíquica, onde o adolescente se depara com variadas perturbações decorrentes da passagem da infância para a vida adulta, será tratado mediante analogia aos conflitos vividos no Complexo de Édipo.

Partimos do conceito de adolescência na psicanálise, utilizando como fundamento a obra de Freud e também de autores contemporâneos da psicanálise. A partir da nossa pesquisa bibliográfica apresentamos o mal-estar na adolescência como um termo que se refere a um conjunto de questões emocionais, psicológicas e sociais que muitos adolescentes enfrentam durante essa fase de transição.

É justamente neste processo de passagem da adolescência para vida adulta que identificamos o chamado retorno do Complexo de Édipo que segundo Nasio, trata-se de um evento comum a todo ser humano, “a existência de desejos incestuosos na infância e os conflitos que originam é universal, embora possam aparecer com roupagens diferentes conforme a cultura”. (NASIO, 2007, p.61). Para nós o retorno do Édipo dialoga com uma volta ao passado e, simultaneamente, carrega em si algo a ser inaugurado, sendo único a cada adolescente.

Por fim, apresentamos traços da clínica aplicada aos adolescentes e os desafios que enfrentam os analistas no manejo e acompanhamento dos jovens nesta etapa significativa de sua vida psíquica. Temos a partir da nossa pesquisa bibliográfica evidências seguras que o setting analítico é um espaço privilegiado para trabalhar os conflitos e perturbações nesta etapa da vida dos adolescentes.

2. O CONCEITO DE ADOLESCÊNCIA NA PSICANÁLISE

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano em que meninos e meninas cessam gradativamente a infância rumando para o adulto que virão a ser. Para as instituições de saúde e assistência social, a adolescência pode ser compreendida como uma fase de transição na qual o indivíduo passa da infância para a idade adulta. Entretanto, os limites cronológicos propostos para esse período apresentam grandes variações. Assim, a Organização Mundial de Saúde concebe a adolescência como o período entre 10 e 19 anos, diferentemente do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) que delimita a fase como aquela que se desenvolve dos 12 aos 18 anos.

Referente ao critério cronológico, verifica-se que existem múltiplas delimitações quanto ao enquadramento etário, na elaboração deste artigo foi adotada a faixa entre 12 e 21 anos, como propõe o psicanalista David Zimmerman:

[...] considera-se que a adolescência abrange três níveis de maturação e desenvolvimento: a puberdade dos 12 aos 14 anos, a adolescência propriamente dita, dos 15 aos 17 anos e a adolescência tardia, dos 18 aos 21 anos, cada uma delas com suas características próprias [...].
(Zimmerman, 2004, p. 357).

Contudo, a psicanálise nos oferece uma perspectiva mais abrangente, não focada simplesmente na faixa etária acerca da adolescência. Ela também lança seu olhar para o processo do desenvolvimento humano como um todo, permeada por um profundo rearranjo psíquico. As teorias psicanalíticas, especialmente as de Sigmund Freud acerca do tema, foram posteriormente complementadas e desenvolvidas por outros psicanalistas como Anna Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott, entre outros.

A Psicanálise atribui estatuto de sujeito ao adolescente, considerando-o sujeito do desejo, desejo que lhe é próprio, particular, intransferível. Este desejo não é necessariamente equivalente ao dos pais, da escola ou da sociedade. Segundo Freud, a adolescência é marcada por mudanças psicosssexuais, uma vez que a energia libidinal é redirecionada para os órgãos genitais. O adolescente experimenta uma reativação das pulsões sexuais, concomitante com conflitos emocionais, transitando entre impulsos eróticos, normas sociais, familiares e culturais.

Buscamos nesse processo de construção entender o que a psicanálise desenvolvida por Sigmund Freud e posteriormente expandida por outros teóricos, teria a nos dizer sobre a adolescência. Vamos explorar alguns teóricos da Psicanálise a fim de compreender as principais contribuições acerca do tema.

Como dito anteriormente, para a psicanálise a adolescência é uma fase crucial no desenvolvimento humano, marcada por transformações emocionais e psicológicas. Na obra freudiana não temos um estudo específico sobre a adolescência. De forma pontual, pode-se destacar que o termo puberdade usado por Freud compreende tanto as transformações de âmbito corporal como as transformações psíquicas que a acompanham. No artigo *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905) nos diz que a vida sexual adulta só é assegurada por uma: [...] “conciliação entre as duas correntes dirigidas ao objeto e à meta sexual, a corrente da ternura e a corrente sensual [...]. É como a travessia de um túnel perfurado desde ambas as extremidades”.

Ainda neste texto de 1905, Freud aborda a puberdade e suas implicações. Para ele, as mudanças ocorridas na puberdade definem a vida sexual do indivíduo, marcando também a mudança das pulsões auto-eróticas.

Até ali, ela [a pulsão] atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas, que, independentemente de outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. (FREUD, 1905, p.196).

Freud descreveu a puberdade como uma fase de conflito psicosssexual, onde os impulsos sexuais se reorganizam e buscam a expressão adequada. A adolescência é vista como um momento onde define-se a identidade sexual na relação com o outro.

Outra questão relevante a ser destacada é que na psicanálise, este processo de adolecer não é simplesmente cronológico, em geral, além das transformações corporais da puberdade, acompanham também novas exigências pulsionais que são apresentadas ao adolescente, obrigando-o a um intenso trabalho psíquico. E é justamente neste novo trabalho psíquico que inclui um retorno edípico, no qual o sujeito adolescente é submetido a um novo encontro com a própria castração e com a castração do Outro.

A teoria psicanalítica enfatiza a importância da sexualidade no processo de desenvolvimento do sujeito, sendo que na adolescência esse aspecto ganha novos contornos. Segundo Freud, durante essa fase, ocorreram alterações nas pulsões sexuais e há o despertar do interesse sexual pelo outro. Diferentemente da fase infantil, onde verificamos que o complexo de Édipo envolve a atração amorosa pelo progenitor do sexo oposto e a rivalidade com o progenitor do mesmo sexo.

Para alguns autores contemporâneos a adolescência seria o momento de elaboração de lutos pela perda do corpo, da identidade e dos pais da infância. Para esses autores a adolescência demanda a elaboração psíquica de muitas perdas e construção de uma nova identidade. Segundo Nasio (2011):

“Não estamos mais na presença de um eu histérico, agitado pelo conflito interno entre as pulsões e o supereu, mas de um eu sereno, decidido a perder e a crescer regenerando-se passo a passo num movimento de vaivém entre o presente e o passado. O adolescente deve ao mesmo tempo perder, conservar e conquistar: perder seu corpo de criança e o universo familiar no qual cresceu; conservar tudo o que sentiu, percebeu e desejou desde seu primeiro despertar, em especial sua inocência de criança; e conquistar finalmente a idade adulta. Deve abandonar sua infância ao mesmo tempo em que a ama e encontrar novas referências para consolidar sua identidade de homem ou mulher”. (NASIO, Juan David, 2011, p.50)

Como podemos constatar pelo exposto por Nasio, o referencial teórico da psicanálise tem muito a dizer sobre a adolescência, sendo esse período da vida fundamental para o desenvolvimento psicoemocional do sujeito. A adolescência é um tempo de muitas dúvidas, questões e incertezas. Nesse sentido, a psicanálise tem contribuições que possibilitam compreender essa fase da vida, ajudando a diminuir as perturbações da adolescência enquanto uma fase essencialmente problemática. Vejamos então as principais causas do mal-estar que caracteriza essa fase do nosso desenvolvimento.

3. O MAL-ESTAR NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência reafirma, especialmente, duas das fontes permanentes de sofrimento para o homem, apontadas por Freud em 1930 no texto *Mal-estar na Cultura*: a fragilidade do corpo e as relações humanas. Freud afirma que participar do laço social é, necessariamente, fonte de contínuo sofrimento da humanidade, uma vez que implica a renúncia de exigências pulsionais, em prol dos ideais culturais. Diante de seu corpo em transformação e dos mal-entendidos familiares causados pelo desligamento gradativo da autoridade dos pais, o adolescente sofre e muitas vezes se isola; faz inscrições no corpo, seja para marcar o que é seu, seja para conservar um pertencimento a algum grupo.

Para Anna Freud:

“A variabilidade dos jovens é um lugar-comum. Em sua caligrafia, modo de falar, maneira de pentear, de vestir e todas as espécies de hábitos, são muitíssimos mais adaptáveis do que em qualquer outro período da vida. Muitas vezes, um simples relance nos dirá quem é o amigo mais velho que esse adolescente admira. Mas sua capacidade de mudança vai ainda mais longe. A filosofia da vida, religião e política do adolescente altera-se à medida que ele transita de um modelo para outro; e, seja qual for a frequência dessas mudanças, estará sempre convencido, de um modo firme e apaixonado, da justeza e retidão dos pontos de vista que avidamente adotou”. (FREUD, Anna. *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, 1968, p. 118).

É comum que os adolescentes experimentem uma série de mudanças físicas, hormonais e cognitivas, o que pode resultar em dificuldades emocionais e sociais. Freud refere-se à adolescência equiparando-a ao fenômeno da histeria. **“*Todo adolescente, portanto, traz dentro de si o germe da histeria*”** (1905). Freud antes de seu aprofundamento sobre a sexualidade infantil, reconhece que a vivência da puberdade poderia resultar em problemas para o adolescente.

Historicamente, a histeria foi uma categoria diagnóstica usada para descrever uma variedade de sintomas físicos e emocionais, muitas vezes associados a mulheres jovens. Era considerada uma neurose e frequentemente atribuída a conflitos sexuais reprimidos e não vencidos. Essa relação entre a adolescência e a histeria reflete uma tentativa de canalizar esses conflitos psicossomáticos ou psicossociais para evitar lidar diretamente com eles.

A adolescência é o momento onde os jovens enfrentam o desafio de se tornarem independentes, desenvolver sua identidade e lidar com o novo

contorno que a sexualidade assume nesta fase. Todas as outras fases da vida, segundo Freud, são sexuais e tem sua equivalência, entretanto, o uso dos genitais como forma de prazer e realização seria o ápice do desenvolvimento da sexualidade humana. Essas mudanças no processo de adolecer podem levar a conflitos emocionais, ansiedades e tensões internas, que podem se manifestar em sintomas físicos ou emocionais, às vezes associados historicamente à histeria.

No pensamento freudiano o adolescente, assim como a histérica, tem uma concepção infantil do amor, do ódio e da relação afetiva em geral. Provavelmente essa visão infantilizada dos sentimentos está também presente na fobia e na obsessão, mas sem ser preponderante.

Ainda sobre o resgate do termo mal-estar contemporâneo, Dunker comenta:

É importante distinguir mal-estar, como experiência de mundo, capaz de captar sua incerteza, angústia e indeterminação, ainda que de forma fluida e indeterminada do sofrimento como articulação de demanda em forma de narrativa. Sem isso não conseguimos lidar com certo tipo de insatisfação que não encontra ainda uma nomeação perfeita, que não se codifica nos dispositivos de discurso e de prática encarregados de administrar insatisfações. Daí que o mais simples seja saturar uma nomeação para o mal-estar de forma a inscrevê-lo em uma narrativa (DUNKER, 2015, p. 7).

O mal estar é um fator recorrente na adolescência é uma experiência comum que atinge todos os jovens no processo de amadurecimento podendo se manifestar de variados modos.

Tomando ainda como referência (J. D. Nasio 2011):

Quando você escuta um paciente que, já na primeira entrevista, lhe fala de amor, ou melhor, de ciúme, traição ou paixão amorosa, você está escutando um histérico; se ele fala de angústia, ou melhor, de tudo que ele faz para se proteger contra a angústia, você escuta um fóbico; e, por fim, se ele fala de poder, ou melhor, do que ele deve fazer e não consegue fazer, você escuta um obsessivo. (NASIO, Juan David. 2011, p.38)

A adolescência implica na vivência de vários lutos, entre eles a perda do corpo infantil que passou por várias mudanças, dando lugar ao corpo adolescente. Aceitar essas mudanças, bem como os conflitos delas decorrentes, produzem o mal-estar na adolescência, podendo ser causa de vários distúrbios. É fundamental que os adolescentes sejam incentivados a expressar seus sentimentos, buscar ajuda quando necessário e compreender que o mal-estar

emocional faz parte do processo de crescimento e amadurecimento. Com o apoio adequado, eles podem aprender a lidar com o mal-estar e encontrar maneiras saudáveis de gerenciar suas emoções.

4. O RETORNO EDÍPICO NA ADOLESCÊNCIA

Freud desenvolveu a teoria do desenvolvimento psicosssexual, postulando que a personalidade é influenciada por estágios de desenvolvimento nos quais a libido, ou energia psíquica, está focalizada em diferentes partes do corpo. Esses estágios incluíam a fase oral, anal, fálica, de latência e genital. Embora a adolescência não tenha sido especificamente incluída em seus estágios, Freud ao descrever a fase fálica, nos permite encontrar similaridades entre os conflitos presentes nesta fase e questões vividas no Complexo de Édipo.

A retomada do Complexo de Édipo na adolescência refere-se a um conceito psicanalítico sugestivo de que, em certos momentos do desenvolvimento, de modo especial durante a adolescência, alguns dos aspectos do Complexo de Édipo, definidos inicialmente por Sigmund Freud, poderiam ressurgir de forma modificada ou com novos elementos. Durante a adolescência podem vir à tona questões mal elaboradas da infância, além dos conflitos próprios dessa fase, desencadeados por mudanças biológicas e comportamentais.

Como já descrito acima, a vivência edípica é um conceito desenvolvido por Sigmund Freud para descrever o período na infância em que uma criança desenvolve sentimentos de atração pelo genitor do sexo oposto e rivalidade com o genitor do mesmo sexo. No complexo de Édipo clássico, o menino sente desejo pela mãe e vê o pai como um rival, enquanto a menina sente desejo pelo pai e vê a mãe como uma rival.

Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 77).

Para a teoria psicanalítica, é através do desenrolar do complexo de Édipo que o aparelho psíquico vai se organizando na infância. Nesse sentido, o complexo de Édipo assume papel fundamental na estruturação psíquica do sujeito e na orientação do desejo, que se efetuam dentro do núcleo familiar, através do reconhecimento das diferenças entre gerações e das diferenças sexuais. O destino do sujeito será traçado pelo recalque e pelo ordenamento psíquico que dele resulta, sendo responsável por incidir nas relações futuras de cada sujeito. Quer dizer, durante toda a vida, as vivências do sujeito estão remetidas a esse originário, expressando-se em forma de revivescências e repetição.

É justamente na adolescência, por volta dos 12 anos em média, que ocorre o chamado retorno edípico, onde esses sentimentos e conflitos ressurgem de forma modificada e mais complexa. Algumas características dessa revivescência originam-se das mudanças provocadas principalmente pela sexualidade emergente. Durante a puberdade a sexualidade se desenvolve de forma mais madura e consciente, levando a novos sentimentos e desejos em relação a outras pessoas. Nas palavras de Jardim, (2005)

Podemos conjecturar que as crises da adolescência interrogam justamente as bases da estrutura familiar que, outrora, deram contorno à sua própria constituição subjetiva. Assim, o desafio da adolescência como uma operação psíquica será a reconstrução da cena fantasmática que originou o complexo de Édipo na infância. Apesar da estrutura familiar ser o cenário do complexo edípico, sabemos que é para cada um que essa montagem mostrar-se-á, ou não, eficaz. Sob os efeitos da puberdade, o estilo de cada adolescente de reeditar a cena edípica da infância apontará não somente para o seu próprio sintoma, como também para uma forma de gozo. É desse modo que o mito familiar de cada sujeito falante fará a ligação entre o mito coletivo e o mito individual. (JARDIM, 2005, p.2).

Esse retorno ou revivescência dos conflitos edípicos na adolescência relacionam-se ainda com a maturação sexual. Esse fenômeno pode servir de inspiração para uma revisitação dos conflitos e desejos edípicos experimentados na infância.

Na adolescência, o retorno ao Édipo pode ser identificado em muitos jovens quando estes experimentam sentimentos de atração sexual em relação aos pais ou figuras parentais do sexo oposto, podendo inclusive, de modo inconsciente, sentir ciúmes ou rivalidade em relação ao pai ou mãe do mesmo sexo. Esses sentimentos são parte do processo de desenvolvimento

psicossexual e fazem parte da busca pela identidade sexual e pela formação de relacionamentos saudáveis. No entanto, é importante ressaltar que nem todos os adolescentes passam por uma reedição edípica intensa, alguns podem nem mesmo vivenciá-la.

A retomada do Complexo de Édipo na adolescência pode ser interpretada como uma reavaliação das relações parentais e das identificações de gênero. Neste artigo buscou-se elucidar algumas formas como o Complexo de Édipo pode ser discutido ou reinterpretado em relação à adolescência.

Verificamos que muitos adolescentes desenvolvem as chamadas relações românticas onde podem estar envolvidos elementos de atração e rivalidade semelhantes aos aspectos do Complexo de Édipo.

Um outro aspecto a ser destacado nesse processo estaria relacionado a identificação com figuras de autoridade: os adolescentes podem se sentir ambivalentes em relação a seus pais, alternando entre o desejo de independência e o desejo de proximidade emocional. A adolescência é um período em que os jovens tendem a questionar e explorar a identidade de gênero, o que pode reavivar questões de atração e identificação com figuras do mesmo sexo ou do sexo oposto.

6. A CLÍNICA APLICADA AOS ADOLESCENTES

A análise na terapia com adolescentes é de difícil manejo, inicialmente porque a legitimidade da demanda inicial, ou seja, a procura pela terapia, não parte necessariamente da vontade do adolescente e sim de um adulto de sua responsabilidade. Muitas vezes o adolescente não tem consciência desse momento complicado que envolve a sua fase de desenvolvimento. Por outro lado não variamente carrega sobre si projeções dos pais, tem édipos mal resolvidos. Somam a isso ainda outros problemas de estrutura familiar, como divórcios, alcoolismo e violência, presenciados desde a infância e que afetam profundamente seu desenvolvimento psíquico.

Por ser um período de profundas transformações, ao entrar na puberdade, o adolescente, com as alterações hormonais e morfológicas, precisa redefinir sua identidade psíquica, novas capacidades de sentir, pensar e agir, em relação

ao meio em que está inserido, e principalmente em relação aos seus pais. Em síntese, não existe uma definição para adolescente normal, pois a adolescência é uma criação cultural e social.

Nesse sentido, o atendimento ao adolescente deve levar em conta algumas especificidades. Ele, diferente dos adultos, encontram-se em uma fase de maturação da sua personalidade. É exatamente aí que a psicanálise oferece uma abordagem ampla para compreender e trabalhar esses conflitos clinicamente. Como se verifica, a clínica psicanalítica procura ajudar a entender os conflitos internos e as questões não resolvidas que podem surgir durante essa etapa da vida.

Pinheiro (2001) lembra que “a adolescência deve ser entendida, na perspectiva psicanalítica, como um momento de retorno para a questão edípica adiada, não se pode resumir à definição por viés hormonal, metabólico, de mudança física nem como uma faixa etária”. (PINHEIRO, T. p; 69)

Em sua obra *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, de 1936, Anna Freud ao abordar a adolescência como um dos temas de sua pesquisa e investigação, postulava que:

“Levanta-se a questão de saber se estamos realmente justificados em diferenciar o repúdio da pulsão, durante a puberdade, do usual processo de recalçamento. A base para tal distinção teórica é que, no caso dos adolescentes, o processo se inicia com o medo mais da quantidade da pulsão do que da qualidade de quaisquer impulsos dados; e acaba, não em gratificações substitutivas ou formações de compromisso, mas em uma justaposição ou sucessão abrupta de renúncias pulsionais e excessos pulsionais ou, como seria mais correto dizer, na sua alternância. (FREUD, Anna, *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, 1968, pp. 111-112).

Anna Freud argumentou que os adolescentes continuam a usar mecanismos de defesa psicológica, como a negação e a racionalização, para lidar com conflitos internos. Eles podem negar a realidade de certos sentimentos ou desejos, buscando justificativas racionais para suas ações.

Ainda Segundo Anna Freud, o que ocorre na adolescência é um incremento da libido sobre o ID em decorrência da maturação das funções orgânicas, enquanto o Ego encontra-se fragilizado, e a chave da saúde mental se encontraria no equilíbrio entre essas forças psíquicas que interagem. Entende-se assim, que ocorrendo naturalmente um desequilíbrio psíquico seria esperada a anormalidade nessa fase da vida.

“O ego torna-se ativo na análise, sempre que deseja, mediante uma contra ação, impedir uma incursão pelo id. Como a finalidade do método analítico é habilitar os representantes ideativos de pulsões recalçadas a ingressarem na consciência, isto é, encorajar essas incursões do id, as operações defensivas do ego contra tais representantes assumem, automaticamente, o caráter de resistência ativa à análise”. (FREUD, Anna, O Ego e os Mecanismos de Defesa, 1968, p. 30).

Portanto, a adolescência é um período que pode revelar as emoções e fraquezas estabelecidas nos primeiros anos de vida, que até então estão ocultas no inconsciente. Isso vem à tona na adolescência, onde será exigida a separação dos pais e também de seus representantes internos. O adolescente muitas vezes é incapaz de lidar com seus sentimentos e pensamentos passando a expressá-los através de sintomas corporais ou comportamentais.

Nesta dinâmica do mal estar contemporâneo, tanto pais como filhos vivem um processo angustiante e confuso, já que, deparam-se com questões referentes à separação, diferenciação, alterações de lugares, mudança de papéis na vida familiar, frustrações e finitude. O emergir dessas emoções e dúvidas durante a puberdade, fazem com que os adolescentes reajam de modo intenso às frustrações, erros, vitórias, realizações e relacionamentos. Frente à estas movimentações emocionais, qualquer situação simples e rotineira da vida torna-se um caos, não porque são dramáticos, mas porque seu psiquismo encontra-se em ebulição. Tal situação é agravada também porque o sistema límbico, que é o grande responsável pelas emoções, ainda não está totalmente formado. É comum que uma simples pergunta possa desestabilizar, aborrecer ou magoar profundamente um adolescente.

Diante da associação livre, regra fundamental da psicanálise, em conjunto com o paciente, o psicanalista deve identificar gatilhos emocionais, sintomas debilitantes da ansiedade e angústias do adolescente. O adolescente deve ser incentivado a investigar possíveis causas de medos e frustrações, buscando o caminho mais adequado de tratamento, permitindo que o próprio paciente tome posse de suas emoções, direcione suas ações e resinifique.

O setting analítico é com certeza uma ótima oportunidade para o adolescente vivenciar transferências da ordem familiar, em referência ao analista. É o momento em que pode livremente falar e resinificar sua vida interior.

Cumprir destacar que o sucesso da análise pressupõe que o analista esteja com sua própria adolescência bem elaborada, de forma a não comprometer a relação analista e analisando.

Quanto a duração da terapia com adolescentes depende da resposta do paciente às sessões. Para alguns, ela pode cessar meses após a primeira consulta e, para outros, pode prosseguir por muito mais tempo, ressaltando que deverá haver interesse pelo tratamento por parte do paciente e empatia do analista para com o analisando, a fim de que este se sinta confortável, seguro e consiga expressar suas emoções.

7. CONCLUSÃO.

Nosso intuito neste artigo foi possibilitar uma leitura pelo viés da teoria psicanalítica, utilizando conceitos da obra freudiana, acompanhando os avanços trazidos por teóricos pós freudianos. A partir das questões aqui apresentadas, podemos postular que o retorno do complexo de Édipo é parte integrante da fase de transição da infância para a juventude de boa parte dos adolescentes. Através da nossa pesquisa bibliográfica foi possível aprofundar sobre as transformações na adolescência, principalmente quando esse adolescente se depara com perturbações que reportam a repetição de conflitos edipianos.

Entendemos que essas repetições nunca se dão de forma igualitária para todos os adolescentes. O processo de adotar é único, como a possibilidade de repetição do Édipo na construção de novos laços, permitindo assim novas saídas identificatórias e escolhas sexuais para além do espaço familiar.

Nessa nova etapa de desenvolvimento, a adolescência mostra-se como um processo criativo, repleto de novas escolhas feitas agora por si mesmo. É através da revivência do Édipo que podemos ressignificar e compreender as principais questões que perpassam a adolescência. Assim será possível escutar o adolescente, fazer uma leitura atenta das possíveis repetições impressas em seu discurso permitindo a análise destas. Esses apontamentos trarão novos elementos de análise, possibilitando o surgimento de novos repertórios, tornando possível um processo saudável de ingresso na vida adulta.

Constatamos ao longo deste artigo que para alguns psicanalistas

contemporâneos, o Complexo de Édipo nos acompanhará a vida toda, contudo uma elaboração consistente nos capacita para lidarmos de forma mais saudável com o mal estar de cada uma dessas fases.

Na adolescência, momento em que para muitos estaria acontecendo um retorno do Complexo, estamos diante de uma fase importantíssima de preparação para a vida adulta com todos os seus reveses. Podemos postular que a teoria do retorno ao Complexo de Édipo na adolescência se apresenta como uma ferramenta privilegiada para compreensão do mal-estar presente nesta fase de desenvolvimento do sujeito. Que a compreensão do retorno edipiano e do mal estar que o acompanha possam encetar novas possibilidades de atendimento aos adolescentes.

A adolescência é a expressão de um lugar de conflitualização violenta onde pulsões e defesas, investimentos narcísicos e objetais, se defrontam. Percebemos que o jovem em desenvolvimento apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos de pais, amigos e de toda a sociedade. Tal fragilidade coloca-o em efervescência psíquica, assumindo os aspectos mais doentios do meio em que vive.

Assim, vemos o adolescente, de um e outro sexo, em conflito, em luta, em uma posição marginal frente ao mundo que o limita e reprime. Esse marginalizar-se do jovem que pode levá-lo à transtornos psíquicos, podendo ainda ser um mecanismo de defesa pelo qual preservam-se os valores essenciais da espécie humana. Sendo capaz de adaptar-se, modificando-se ou modificando o meio que tenta negar a satisfação de seus anseios, ele encontra possibilidade de ingressar na vida adulta de forma positiva e criativa.

7. REFERÊNCIAS

DUNKER, C. A. Mal-estar, sofrimento e sintoma. São Paulo: Boitempo, 2015.

DANTAS, Nara Maria. Adolescência e Psicanálise: uma possibilidade teórica. 2002. 55 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2002. Disponível em: http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2006-12-21T133243Z60/Publico/Nara%20Dantas.pdf. Acesso em: 22 julho. 2023.

DUFOUR, D. (1999). A Modernidade e a questão do Outro. O Adolescente e a Modernidade - Anais do Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, tomo III. Rio de Janeiro, Escola Lacaniana de Psicanálise, 2000.

FREUD, A. (1958/1995) Adolescência. Trad. MEIRA, A.M.G. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, ano 5, n.11, p.66-72.

FREUD, S. (1969a). Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp. 1-119). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Texto original publicado em 1905a)

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In:

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.117-231. v. 7.

JARDIM, G. Adolescência: do mito coletivo ao mito individual. Imaginário, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 35-46, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2005000200003. Acesso em: 27 Julho. 2023.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. (1992). Vocabulário da psicanálise (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

MATOS, L. P. de.; LEMGRUBER, K. P. A adolescência sob a ótica psicanalítica: sobre o luto adolescente e de seus pais. Rev.Psicol Saúde e Debate. Patos de Minas, v. 2, n. 2, p. 124-145, 2017.

NASIO, Juan David. Édipo o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. Como agir com adolescente difícil. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PINHEIRO, T. Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso (Org), Adolescência: reflexões psicanalíticas (pp. 69-79). Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001

ZIMERMAN, David E. Manual de técnica psicanalítica: uma revisão. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.